

Cariocas garantem que não voltam ao Rio

■ Seqüestros, arrastões e trânsito neurótico assustam quem aprendeu a valorizar a paz e a harmonia do dia-a-dia na capital

JORGE VASCONCELLOS

O carioca que adotou Brasília é engraçado. Adora dizer que só viaja para o Rio de Janeiro "se for a passeio". Desdenha a terra natal, afirmando que a cidade deixou de ser maravilhosa por causa dos seqüestros, da poluição, do trânsito, do arrastão. Mas numa roda de pagode em Brasília diz que é Salgueiro ou Mangueira e torce pelo Flamengo "desde criancinha." O bicampeão mundial de futebol, Nilton Santos, 66 anos, há cinco em Brasília, é assim — um caso típico do carioca que ama Brasília:

"Sou nascido e criado na Ilha do Governador, com muito orgulho, e minha escola é a União da Ilha. Andava muito ali pela Maré, onde já dei aulas de futebol. Fiquei doente pelo Botafogo porque joguei lá durante muito tempo. Mas no Rio só vou para ficar uns dias. É um tumulto danado, você nem pode deixar o carro com a porta aberta como aqui em Brasília. A cidade não é mais aquela", diz, saudoso.

Nilton Santos veio para Brasília quase por acaso e hoje coordena várias escolinhas de futebol no Distrito Federal, mora na Asa Sul e não pensa em voltar para o Rio tão cedo. Mas os hábitos de carioca são mantidos religiosamente: nos finais de semana, troca idéias com frequentadores da Feira do Guarã, versão candanga da Feira de São Cristóvão, no Rio. Também não deixa de dar uma passada na Torre de TV, onde há uma feira hippie

Fotos de Júlio Fernandes



O bicampeão mundial Nilton Santos ensina futebol aos meninos de Brasília sem preocupações com seqüestros. O administrador Haroldo Meira só vai ao Rio para desfilir



semelhante à da Praça General Osório, em Ipanema.

Nilton Santos também não larga o bermudão, mantém a ginga no andar e o sotaque ainda é o mesmo, puxando pelo xis. Ele, que nos velhos e bons tempos de Pelé e Garrincha foi chamado de *Enciclopédia do Futebol*, é uma das maiores provas de que a violência do Rio afastou definitivamente da cidade alguns de seus históricos filhos. Nilton Santos, que por unanimidade foi o artista das quatro linhas e do Maracanã, está certo, certissi-

mo, de ter marcado "um gol de placa" trocando o Rio por Brasília.

Outros exemplos — Outro carioca desiludido com o Rio de Janeiro é o publicitário Haroldo Meira, 43 anos, administrador de Brasília. "Nascido e criado na Ilha do Governador", como Nilton Santos, Meira chegou em Brasília em 1960 e hoje carrega a responsabilidade de administrar o Plano Piloto de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, alheio à campanha dos cariocas para que o Rio volte a sediar o Governo Federal.

"Brasília tem tudo que o Rio tem, exceto praia. Mesmo assim vivo em uma cidade onde cada habitante dispõe de 100 metros quadrados de área verde, enquanto no Rio cada carioca tem 10 metros quadrados", lembra Meira.

O administrador de Brasília, no entanto, *carrega* no sotaque para dizer que todos os anos desfila na União da Ilha e na Mangueira.

O empresário Paulo Quintela, 50 anos, comodoro do Iate Clube de Brasília, trocou o mar e a boêmia

de Copacabana, onde se criou, pelo Lago Paranoá. Economista formado por uma das primeiras turmas da Universidade de Brasília, ele disse não saber se o progresso profissional conquistado em Brasília seria o mesmo se ele ainda estivesse no Rio. Uma de suas maiores alegrias no DF é fazer o carnaval no Iate, relembrando os velhos bailes do Rio de Janeiro.

A cidade satélite do Cruzeiro, com uma população de 80 mil pessoas, possui a maior concentração

de cariocas de todo o Distrito Federal é por isso é apelidada de *Entibaxada do Rio de Janeiro* em Brasília. Hélio dos Santos, vice-presidente da Escola de Samba Unidos do Cruzeiro (ARUC), que é uma espécie de sucursal da Portela, anuncia que em dezembro estará no Rio assistindo à reabertura do Estádio de General Severiano, do Botafogo. Pagodeiro da melhor qualidade, Hélio é um dos responsáveis pela programação cultural que tem trazido à ARUC grandes nomes do samba do Rio de Janeiro.